

## RESENHA

Vanessa dos Santos Moura<sup>1</sup>

O livro *A escola diante da diversidade*, organizado por Mary Rangel, Professora da Universidade Federal Fluminense e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi publicado em 2013 pela Editora WAK. Composto por três textos independentes e de autoria individual, as narrativas se articulam não só em razão da temática, mas também por uma perspectiva crítica compartilhada entre os autores acerca de como a diversidade vem sendo tratada no ambiente escolar.

O primeiro escrito é de autoria de Mary Rangel e intitula-se *Desigualdades e seus efeitos na autorrepresentação*. A autora inicia seu argumento abordando o “sentir-se desigual”; para Rangel este sentir pode ser uma evidência de que algumas pessoas recebem um tratamento desigual, o que configura um sinal de que algo/alguém opera uma exclusão seletiva de determinadas pessoas a quem se atribuem características pessoais que justificam um tratamento discricionário. A identificação de tais atributos é feita por aqueles que se colocam no lugar de responsáveis pela *normalização* da sociedade; usualmente, atribuem categorias e classificações que inferiorizam os sujeitos que não se encaixam dentro dos *standards* aceitos como “normais”. A escola, como espaço de sociabilidades, é um ambiente suscetível a julgamentos sociais. Se na escola houver atitudes de exclusão, o sujeito que a sofre pode consolidar sentimentos de frustração e levá-los consigo pelo resto da vida. Nesse sentido, aquele que “se sente desigual”, além de sofrer muitas vezes violências físicas, também é vítima de uma violência simbólica cuja extensão nem sempre é passível de medição. O “sentir-se desigual” pode ensejar tratamentos excludentes em diferentes aspectos sociais: socioeconômicos, étnico-raciais, religiosos, culturais, de gênero, de longevidade, além de aspectos físicos e cognitivos. Rangel faz um apelo ao respeito pela diferença e refere a necessidade de se buscar o novo: novos parâmetros, novos conceitos, novas formas de busca por um conhecimento mais próximo do real. Reconhecer no diferente um sujeito, tal qual “eu”, é o primeiro passo para a convivência pacífica entre aqueles que são diferentes – e para que todos possam sentir-se, senão iguais, no mínimo “menos desiguais”.

O segundo texto, de autoria de Márcio Caetano, professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), intitula-se *Gênero e sexualidade: diálogos e conflitos* e divide-se em três partes: “Marcas epistemológicas”, “Os equívocos” e “A discussão na escola”. Seu objetivo é empreender uma revisão de aportes culturais e históricos da diversidade da orientação sexual. Em “Marcas epistemológicas”, Caetano faz um resgate histórico de forma a destacar a importância dos estudos culturais e feministas para pensar as identidades sexuais e compreender os discursos dos seus sujeitos. O autor aborda maneiras com que os sujeitos vivenciam suas identidades (sexuais), como são assumidas no ambiente escolar e na sociedade. Na sequência, tratando sobre a aproximação com debates oriundos do movimento feminista, ressalta a importância da categoria “gênero” para a discussão da sexualidade. Tal conceito colocou na agenda a diferença dos sexos e as políticas públicas específicas, afastando o debate de um viés puramente biológico e orientando as análises para uma linha histórico-sócio-cultural. Em “os equívocos”, Caetano, apoiado em Agnes Heller, aduz que a forte estigmatização da homossexualidade teve início no século XIX, fruto da consolidação do Estado burguês. A “normalização” das relações justificou-se pela busca desta classe de uma certa coesão e de um controle sociais. A heteronormatividade pautou a conformação da sociedade ocidental. Ainda que tenha havido importantes alterações no tratamento (social) da homossexualidade, é cediço que ela segue sendo considerada como dissidente do lócus heterossexual dominante – mesmo que, neste momento, busque-se viver sem contornos iden-

<sup>1</sup> Advogada (OAB/RS 106414). Bacharela em Direito (2015) e mestre em Direito e Justiça Social (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Licenciada (2007), bacharela (2007) e mestre (2011) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Educação Ambiental (FURG). Correio eletrônico: vanessamoura@yahoo.com.br



titários fixos. Em “A discussão na escola”, o autor assevera que a lógica de reiteração das fronteiras entre os sexos e suas diferenças complementares (vestimentas, comportamentos...) tem na escola um dos seus mais eficientes instrumentos socioeducativos. Na sua elaboração, os currículos – que não são neutros – absorvem conflitos e jogos de interesses de múltiplos grupos. Veja-se que as desigualdades são geradas em redes que formam metaforicamente círculos contínuos de relações assimétricas. Assim, um coletivo de sujeitos pode, ao mesmo tempo, subalternizar e ser subalterno; é que as dinâmicas não acontecem em um vácuo cultural, político, ideológico, econômico e se inter-relacionam diretamente com as dinâmicas de gênero, raça, classe e outros fatores socioculturais. A compreensão da sexualidade será resultado de caminhos complexos; para Caetano existem tantas sexualidades quanto existem sujeitos no mundo, e tantos movimentos curriculares sobre sexualidade quanto professores e professoras na escola. Em seu comentário conclusivo, o autor resgata que a lógica binária, por muito tempo, sufocou a identidade das mulheres. No mesmo raciocínio residem os discursos homofóbicos. O que se propõe no texto é um avanço epistemológico, político e objetivo, que efetivamente destitua tal lógica binária e seus efeitos.

O terceiro texto, *Diversidade e educação: apontamentos sobre sexualidade e gênero na escola*, é de autoria de Jonas Alves da Silva Junior, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ). Divide-se em quatro partes: uma pequena introdução, “problematização das relações de gênero: revisão de dados históricos e conceituais”, “identidades sexuais: revisão de perspectivas de desconstrução de estereótipos” e “ninguém pode calar: homossexualidades e homofobia na escola”. Na introdução há um resgate das décadas de 1960 e 1970, em que expressivas mudanças socioculturais e históricas ocorreram no pertinente às relações de gênero e sexualidade. Houve uma expansão nas esferas social, política e acadêmica da discussão e que passou a englobar aspectos como as identidades e seus fundamentos histórico-culturais. Silva empreende uma revisão da literatura dos conceitos, ao que conclui que “a sexualidade, como construção social, tem absorvido, historicamente, em seus significados, elementos das relações de gênero, frequentemente submetidas a prescrições de como homens e mulheres devem vivenciá-las” (SILVA, 2013, p.77). No segundo tópico, discorre sobre o conceito de “gênero” e como este passou a incorporar os matizes de construção social, cultural e linguística *pari passu* à sua conformação a partir de um horizonte de normatividade. Mesmo vinculado à materialidade do corpo, o gênero passou de uma categoria unidimensional para a incorporação de outros aspectos que auxiliam na desconstrução de estereótipos limitadores e reducionistas. No terceiro ponto, ao debater as identidades sexuais, Silva Junior propõe rever estereótipos que influenciam na demarcação estigmatizada dos desempenhos que definem o homem e a mulher, responsáveis pela reprodução dos mecanismos que reforçam a heteronormatividade. Nessa senda, ressalta o papel fundamental da escola – “espaço significativo de formação humana integral e de inclusão das diversas identidades sociais” (idem, ibidem, p. 87) – no combate às representações e interpretações “normalizadas” de sujeitos. Por derradeiro, atenta para o fato de que a homossexualidade, hoje, faz parte do cotidiano escolar – seja como caso, seja como tema de debate. Depende da visão da escola (como instituição) o que e como será debatida tal temática; o autor, nesse sentido, afirma que a escola está convidada a se engajar na luta contra a homofobia. São apresentados dados que corroboram a tese a respeito da necessidade de repensar “a função socioeducacional da escola e sua relação com políticas sociais que almejam fomentar ações educativas para inclusão da diversidade de orientação sexual” (idem, ibidem, p. 100). O autor finaliza seu argumento com a expectativa de que se reconheça a homofobia como um problema grave e que se invistam esforços para superar a intolerância e a violência.

RANGEL, Mary (org.). **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2013